

editorial
editorial

entrevista
interview

artigos submetidos
submitted papers

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!18

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 01 semester



cultura digital e hacktivism: um caminho para participação cidadã

digital culture and hacktivism: a path for citizen participation

bernardo gutiérrez
juliana trujillo

PT | EN | PDF

Bernardo Gutiérrez é jornalista, escritor e pesquisador sobre tecnopolítica, cultura livre, movimentos sociais, participação e política. De origem espanhola e naturalizado brasileiro, seu trabalho é focado em análises dos fenômenos socioeconômicos, especialmente de movimentos sociais que acontecem desde 2010 na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Foi editor-chefe do jornal espanhol Público, e teve textos publicados em diversos periódicos como El País, La Vanguardia, Eldiario, Al Jazeera, Clarín, Der Tagesspiegel e National Geographic. Foi responsável pela comunicação e redes sociais do MediaLab Prado, em Madri, de 2016 a 2019.

Juliana Trujillo é Arquiteta, Mestre em Estudos de Linguagem. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordenadora do grupo de pesquisa algo+ritmo, e pesquisadora do Nomads.usp. Estuda processos digitais de projeto, cidades e cultura digital, e políticas culturais com meios digitais..

Como citar esse texto: GUTIÉRREZ, B., TRUJILLO, J. Cultura digital e hacktivism: um caminho para participação cidadã. V!RUS, São Carlos, n. 18, 2019. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 08 Jul. 2019.

ENTREVISTA REALIZADA EM 1 DE FEVEREIRO DE 2019

Morando no Brasil, Bernardo cobriu as cinco eleições do período petista (de 2002 a 2016). Coordenou o projeto Wikipraça, inserindo práticas de participação cidadã nos âmbitos territorial e digital. Bernardo publicou, sobre este assunto, na sessão Tapete da revista V!RUS. Na 10ª edição da revista, >DIY//DO IT YOURSELF!+, seu artigo relata uma experiência de uso do conceito colaborativo wiki na requalificação de uma praça e das relações sociais que ela abriga. Em 2010, lançou o livro Calle Amazonas: de Manaus a Belém por el Brazil olvidado, pela editora espanhola Altaïr. No seu último livro, Pasado Mañana (Arpa Editores, 2017), Bernardo faz um retrato dos processos de mudança pelos quais a cidade de Madri passou e faz uma projeção de um futuro sobre os temas discutidos em cada capítulo, como a formação do partidos políticos, a cidade em comum, participação, entre outros.

Atualmente prepara seu projeto de doutorado, com interesse em pesquisar a construção de narrativas e imaginários políticos no período dos protestos globais (2011 a 2015). Também está preparando um livro com as reportagens e artigos que escreveu sobre os protestos de Junho de 2013, que será publicado em Português.

Na nossa conversa, em uma tarde de inverno em Madri, Bernardo falou, principalmente, sobre o 15-M na Espanha, articulações políticas possíveis, e de que forma nós, cidadãos, podemos nos organizar e resistir face

ao desenho político opressivo que estamos enfrentando. Para além da experiência profissional, Bernardo é um ativista inquieto, um indignado que busca, nas ações coletivas, outras maneiras de hackear o sistema.

Juliana Trujillo

Bernardo, gostaria de começar falando do 15-M do ponto de vista de alguém que estava envolvido com o movimento e, ao mesmo tempo, o acompanhou com um certo distanciamento, em função do seu trabalho no Brasil. Como foi sua trajetória nesse período?

Bernardo Gutiérrez

Durante todo o movimento pré-15M, eu estava em Madri, mas poucas semanas antes da ocupação da Praça *Puerta del Sol* eu estava chegando a São Paulo, e fiquei trabalhando lá por seis anos. Mas esse movimento me pegou muito porque eu sabia o que estava acontecendo aqui, eu já participava de alguns coletivos que se organizavam pelas redes sociais. Logo percebi que algo muito importante estava acontecendo e rapidamente me envolvi. Eu vim para Madri em junho de 2011, na retirada do acampamento da praça, e depois disso me comprometi com várias atividades dentro do movimento 15-M. No meu retorno a São Paulo, também participei da comissão global do 15-O (15 de Outubro), uma das maiores manifestações mundiais. Circulei por Nova York, México, Rio de Janeiro e São Paulo e voltava para Madri duas vezes por ano para eventos importantes. Também fiquei muito envolvido no *Take the Square*, o movimento global do 15-M. Toda a manutenção das redes sociais, Twitter, plataformas, manuais como *How to occupy*, foi feita pelo grupo do qual eu fazia parte.

Como jornalista independente, eu ficava entre o Brasil, América Latina e Espanha. Fui correspondente de vários jornais importantes, como *La Vanguardia*, *El Mundo*, e depois fui para o *Público*, que surgiu em 2008, me dedicando integralmente a ele. Mesmo envolvido com o jornal, eu continuei escrevendo livros, projetos, ações como *Wikipraça*, dei palestras e consultorias. Mais adiante, escrevi para o *Eldiario.es*, que era um jornal recém criado da nova esquerda espanhola que cresceu muito, e hoje tem uma distribuição bastante grande. Desde que comecei a escrever, sempre estive envolvido com movimentos sociais e cultura digital, cultura hacker e discussões sobre *copyleft*. Estando no Brasil, pude cobrir o ciclo Lulista inteiro, o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, o ciclo progressista latinoamericano.

No ano do 15-M, a apropriação do mundo digital na Espanha foi muito intensa, foi viral. Todo o movimento tinha uma lógica de cultura hacker e plataformas livres, e o mais interessante é que envolvia pessoas de diferentes perfis, desde adolescentes a senhoras aposentadas. Então essa cultura se ampliou para uma cultura de massas e me colocou mais próximo da lógica do comum, do aberto, colaborativo, da multidão e de coletivos.

Depois do 15-M, fiz um estudo sobre tecnopolítica na América Latina, financiado pela OXFAM Londres e coordenado pela OXFAM América Latina no México. Durante um ano e meio, pude me dedicar exclusivamente à pesquisa, viajar e fazer entrevistas. Esse trabalho resultou na publicação do relatório *Nuevas dinámicas de comunicación, acción y organización social en América Latina*, que tratou da onda de revoltas globais iniciadas pela Primavera Árabe, o 15-M, e o *Occupy Wall Street*, em 2011, e que alteraram a lógica das lutas sociais históricas da América Latina. Os movimentos *#YoSoy132*, no México (2012), *#VemPraRua*, no Brasil (2013), e *#JusticiaYa*, na Guatemala (2015), entre outros protestos desenvolvidos na rede, deslocaram os atores sociais tradicionais, tornaram visível outro tipo de organização cidadã e dialogaram com novos movimentos de "indignados" do mundo.

Esse mapeamento das novas dinâmicas de comunicação foram alterados por processos emergentes decorrentes do uso de redes sociais digitais e práticas colaborativas territoriais. Isso serviu para tentar entender as diferenças entre movimentos mais tradicionais e os movimentos que estavam surgindo.

JT E que desdobramentos pós-15-M você destacaria?

BG

Em primeiro lugar, essas novas formas de organização coletiva. Depois do 15-M, parte da sociedade civil começou a sair de associações com estruturas rígidas verticais, procurando maneiras mais abertas de realizar assembléias e debates. Isso possibilitou outras formas de documentar as discussões - com textos e filmagens - e de tornar disponíveis os documentos digitais gerados nessas reuniões. Tudo isso veio muito desse movimento. E se isso atingiu a sociedade civil, por um lado, posteriormente também chegou às instituições e à onda municipalista. Ou seja, o modo como as pessoas passaram a se auto-organizar possibilitou uma comunicação muito mais ampla. O que antes era uma discussão de guetos pequenos, como hackers, passou a atingir outras pessoas.

Também refletiu em novas estruturas políticas. A criação de plataformas cidadãs (*Ahora Madrid*, *Ganemos Madrid*, *Barcelona Común*) articuladas com partidos políticos (*Podemos*, *EQUO*, *Pum+J*) se fortaleceram para o processo de eleição. Isso aconteceu em um nível local, com vínculo no território, o que para mim foi o mais interessante e que tem mais proximidade com o 15-M. Dois anos depois, a potência do movimento estava mais forte e encorajou outros movimentos, como a *Maré da Cultura* e a *Maré Verde da Educação*. Destaco, por

exemplo, o movimento da Maré Branca, que se manifestou em defesa da saúde pública e conseguiu parar a privatização dos hospitais da Espanha, que era uma tentativa encabeçada pelo governo. Esses movimentos foram além dos sindicatos. Colocaram do mesmo lado médicos, enfermeiros, pacientes, sindicalistas e militantes de partidos sem bandeira, todos juntos pela mesma reivindicação. Isso tudo foi muito potente. E depois da onda das marés, chegou o municipalismo, que, para mim, ainda tem uma conexão com o 15-M.

Aqui na Espanha, nesta época, as pessoas protestavam conscientemente contra a elite, o capital financeiro, contra o sistema capitalista, algo que no Brasil, em junho de 2013, não aconteceu. Quer dizer, os primeiros anos das manifestações brasileiras foram muito interessantes porque trouxeram à tona a discussão do direito à cidade, como por exemplo o Parque Augusta, em São Paulo, #OcupeoCocó, em Fortaleza, e o Occupy, no Rio de Janeiro. Mas acho que, de certa forma, esses movimentos estavam desconectados uns dos outros, lutavam por questões específicas das suas cidades. Na Espanha, havia uma reivindicação unificada, 90% da população do país tinha muito claro que a crise do país aconteceu em função de outra crise específica, a dos bancos.

E isso veio de uma narrativa construída principalmente pelo partido Podemos através de lemas, *slogans*, textos, vídeos, documentários, protestos e eventos que impactaram e colocaram essas discussões pautando a agenda da mídia. O partido operou sobre um sentimento que virou um sentimento de massas na Espanha. Para mim, a única grande novidade do Podemos, naqueles dois anos, foi essa narrativa, a linguagem e o discurso. O partido é ainda uma reprodução de velhas estruturas, é muito vertical, não tem nada de horizontal. É um pouco a velha esquerda mas com um imaginário e cor de representatividade diferentes. Isso foi muito inteligente.

É bastante claro que o 15-M marcou uma era diferente, mas pelo que estamos vivenciando agora, percebemos como o sistema é forte, a elite, os bancos, a direita que muda de cara e se reinventa.

JT Você poderia falar um pouco da cultura de participação cidadã na Espanha?

BG Não dá para esquecer da história. O formato assembléia, que em outros países pode ser uma organização recente para discussão, aqui na Espanha existe há séculos. E não é um formato utilizado só por partidos políticos, mas também é utilizado frequentemente por organizações comunitárias. A noção do comum também é muito forte na sociedade espanhola. Os bosques da Galícia, ao norte do país, por exemplo, têm conselhos de preservação que existem há mil anos; assim como o Tribunal das águas de Valência, considerado a instituição jurídica mais antiga da Europa e criado para solucionar conflitos relacionados à utilização e aproveitamento da água entre os agricultores. Dada a sua importância, em 2009, esse tribunal foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Em 1854, um pouco antes da queda da primeira república, as Juntas Políticas que governavam a cidade de Madrid eram organizadas através de assembléias. Naquele ano, aconteceu um grande protesto, do tipo do 15-M, no qual a Junta Sul não reconheceu o governo indicado pela monarquia e Madrid seguiu com o autogoverno. Coincidência ou não, hoje a Junta Sul é o bairro de Lavapiés, um bairro onde a noção de comunidade é bastante grande. Nele, há muitos coletivos que gestionam espaços públicos do bairro, pontos de encontro de debates, espaços culturais e ocupações como, por exemplo, *Esta es una plaza*, *Centro Social Autogestionado La Tabacalera*, *La Casa Encendida* e *Biblioteca de Las Escuelas Pías*. Depois, chegou a onda anarquista na Segunda República, e, por volta de 1936, havia a Frente Popular, bastante significativa, representada por ministros e ministras anarquistas. Então a Espanha tem esse legado. Essa noção coletiva não aconteceu recentemente, o espírito comunitário vem sendo cultivado desde há muito tempo.

Em relação à participação cidadã no 15-M, não foi um movimento de um caminho só. Não é possível analisá-lo em função de um raciocínio claro, linear. Esta participação veio de diversos lugares. Teve um momento no qual aconteceram várias discussões vinculadas à rede digital e colocou em evidência as ações dos hackers. Na Espanha, eles estão vinculados à autogestão, às ocupações, e isso é uma particularidade daqui e da Itália. As pessoas que estavam envolvidas nos centros sociais e, ao mesmo tempo, no Hacktivismo, tiveram um papel muito importante na ocupação da Praça Puerta del Sol. Foi o núcleo hacker do movimento que pensou em ter um servidor, um *blog* que todos pudessem acessar, programar assembléias, ter uma organização descentralizada e distribuída, e plataformas digitais de comunicação e transparência.

Portanto, a espontaneidade de uma geração mais nova, que na Espanha é uma geração muito digital e conectada nas redes, somada à cultura hacker e à apropriação do espaço público, contribuíram para fortalecer a união das pessoas contra a privatização e outras questões advindas do neoliberalismo.

É interessante também notar que, naquele momento, a comunidade hacker lançou as plataformas *Propongo* e *Toma la plaza*. Essa comunidade, que já desenvolvia uma metodologia de organizar assembléias, por meio presencial e digital, híbrido, resolveu também criar plataformas para propostas políticas, de votação aberta. E

a filosofia dessas plataformas é o que fez gerar a *Decide.Madrid*. Depois do 15-M, muitas pessoas envolvidas no movimento foram trabalhar, principalmente, em três frentes: como facilitadores e mediadores de processos coletivos, com metodologias presenciais - como consultores de tecnologia digital aplicada à participação cidadã -, ou foram para a área de Arquitetura e Urbanismo e do direito à cidade.

JT Em 2015, você publicou sua pesquisa sobre tecnopolíticas na América Latina. Como você percebe essa cultura de participação cidadã e das articulações sócio-políticas através das tecnologias digitais, especialmente no Brasil?

BG Bom, eu tenho dupla cidadania, sou Espanhol e me naturalizei Brasileiro, então me sinto muito próximo e à vontade para falar. Vejo, por um lado, que, no Brasil, há uma cultura comunitária muito forte e potente, por exemplo em relação à cultura indígena, à cultura afrodescendente, movimentos femininos e de mutirão. O ciclo Lulista foi muito importante também pela implementação dos Pontos de Cultura, pelo apoio à cultura livre e aos coletivos. Muitas pessoas próximas a mim, jovens, cresceram nos Pontos de Cultura e na cultura hacker e de *software* livre. A diferença principal para mim é que, no Brasil e na América Latina, muito da inovação política vem do governo, de alguém que tenta criar políticas públicas. Aqui na Espanha, foi sempre muito mais a sociedade civil e a autogestão. Então, no Brasil, a sociedade civil teve um momento de despertar e foi fortalecida por ações institucionais através dos projetos de políticas públicas. Essas ações criaram uma geração que despertou para a noção de trabalho coletivo e de valorização da cultura das minorias.

Por outro lado, nos protestos de junho de 2013, percebi muita dificuldade em alguns grupos estruturados e mais articulados, como os partidos políticos e organizações não-governamentais. Essas pessoas tinham muita resistência em entender esse novo tipo de organização, mais espontânea e sem lideranças.

Depois de 2013, acho que houve uma tentativa de integração de grupos diferentes, mas com o tempo, as diferenças ficaram mais evidentes. O Brasil é um país muito complexo, multicultural, um território grande. Não é simples articular debates e chegar em consensos gerais. Houve uma tentativa de organizar coletivos políticos pelas redes, mas havia uma velha disputa entre os estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, ou diferenças culturais nordeste-sudeste, e as pessoas não conseguiram ultrapassar essas distinções. Em contrapartida, a direita se articulou melhor e chegou onde está.

Em 2014, organizamos um livro chamado "Junho: potência das ruas e das redes": eu, Alana Moraes, Henrique Parra, Hugo Albuquerque, Jean Tible e Salvador Schavelzon, publicado pela Fundação Friedrich Ebert Stiftung, que apresenta as origens e continuidades das manifestações de junho de 2013 em onze capitais brasileiras. Há muitos coletivos que existiam antes desta data e que cresceram depois da manifestações, e tantos outros que se formaram a partir daí.

Então não dá para falar que tudo deu errado. Na micropolítica - por exemplo, o movimento feminista, o #elenão e as práticas cooperativas - ainda existe uma base que pode seguir, ainda que a longo prazo. As novas gerações ficaram muito politizadas a partir de junho de 2013. Quando visitei a primeira escola, em São Paulo, ocupada pelos estudantes secundaristas, entendi que ali tinha uma herança dos protestos de junho. Outra questão que pude perceber foram as mudanças em relação à intolerância à comunidade LGBTQI+. Estudos apontam que por volta de 70% dos brasileiros apoiam o casamento gay. Nessas novas gerações, eu tenho esperança.

JT Existe uma grande diversidade de plataformas *online* de participação cidadã que ampliam os instrumentos legais já estabelecidos. A plataforma *Decide.Madrid* é um exemplo disso. Você acha que essas plataformas podem ser um *locus* de resistência em relação aos processos de tomada de decisão *top-down*? E que papel o MediaLab Prado exerce em relação a esta plataforma?

BG Acho que toda forma coletiva é uma forma de resistência contra um sistema neoliberal, um sistema baseado no indivíduo que compete com o outro. Plataformas digitais utilizadas de forma isolada, ou seja, que não estão vinculadas a um território, ou que não têm mecanismos de contra-poder, não têm força suficiente para articular resistências. Mas como dentro dessas plataformas você tem o comportamento coletivo, elas têm o potencial de criação de comunitária e de fazer emergir outras formas de organização.

Aqui no MediaLab Prado Madrid, o ParticipaLab (Laboratório de Inteligência Coletiva para Participação Democrática) fez um estudo dos dados da plataforma *Decide.Madrid* e mapeou as questões mais importantes para as pessoas que participam ativamente da plataforma. Descobrimos que um tema sobre o qual havia muita discussão era a infância e o espaço público e outras possibilidades de educação. Depois desse estudo, entramos em contato com essas pessoas, com pais, escolas e creches, e criamos um grupo para a comunicação entre eles. Com isso, conseguimos construir uma comunidade afetiva e engajada no debate sobre a infância e a cidade.

Depois, organizamos um evento para reunir essa comunidade aqui no MediaLab Prado, e o debate, que estava só na esfera digital, passou para o presencial e cresceu desde então. A partir desse encontro, foram criados dois produtos: o documento *Derecho a jugar*, que contemplava dez pontos sobre o direito das crianças à cidade e uma proposta que foi incluída na plataforma *Decide.Madrid*. Essa proposta, até agora, conta com 12 mil votos na plataforma, será discutida pelo governo e muito provavelmente será aprovada antes de maio de 2019. Outras propostas também foram colocadas em pauta, como a mudança em relação a ludotecas para crianças, outros tipos de creches abertas, e espaços para brincar livremente. Ou seja, será uma mudança para os 129 bairros da cidade, e surgiu do mapeamento digital que se fortaleceu pelo encontro presencial. Por este caminho, acho que as plataformas digitais podem contribuir muito. O caso da plataforma *Decide.Madrid* está muito vinculado aos fóruns locais, aos conselhos que foram criados por distritos, onde são realizados os encontros presenciais. No período de votação do orçamento participativo, que se desenvolve dentro da plataforma, tem muitas reuniões presenciais nesses espaços. Criou-se um espaço concreto ao qual, em alguns momentos, as associações articuladas ou qualquer cidadão pudessem ir e participar.

Por outro lado, penso que uma democracia direta, feita só por plataforma digital, não é suficiente, porque o momento subjetivo é outro. A ideia de colaboração e de decidir coletivamente não se sustenta sozinha. No mínimo, não poderiam ser colocados em pauta alguns critérios inegociáveis, como, por exemplo, questões relacionadas aos direitos humanos. É um assunto muito delicado. O MediaLab Prado é, sem dúvida, uma referência na cidade de Madrid, é um ponto de encontro da sociedade civil, de movimentos, estudantes, instituições e grupos que o frequentam semanalmente. Hoje, o laboratório tem mais apoio institucional e coordena alguns projetos de inovação social da prefeitura de Madri, que, na sua maioria, são voltados para políticas públicas.

JT Bernardo, para terminar, o futuro lhe parece promissor?

BG O meu livro *Pasado Mañana*, escrito há dois anos, começa no 15-M e vai até o momento do municipalismo, do Podemos ainda com expectativa de ganhar o Estado. Mas as coisas mudam muito rápido. Eu sinto um pouco de pena em relação às brigas políticas dentro do Podemos, que são colocadas publicamente. Também temos a surpresa dessa nova ultra-direita. Ainda sim, não acho que o ciclo político das ocupações das praças e do 15-M esteja fechado na Espanha, nem no mundo. Temos que ver tudo com uma perspectiva mais distante, porque ainda é muito confuso. Eu ainda continuo pensando que esse momento ultra-direitista é mais uma vez a elite tentando se proteger da multidão. Será temporário, imagino que dure de 3 a 5 anos, e depois vem outra onda. Vamos tentar ser otimistas.